

## A VIAGEM IMPERIAL AO ESPÍRITO SANTO.

---

Passou em silêncio, no Espírito Santo, a visita de S. S. M. M. o Sr. Dom Pedro II e sua Augusta Espôsa a Sra. Da. Teresa Cristina Maria, acontecimento que abalou festivamente a Província, em fins de janeiro de 1860, quando exercia a Presidência o ilustre Sr. Dr. Pedro Leão Veloso.

Nomeado pela Carta Imperial de 17 de dezembro de 1858, assumiu o cargo, a 4 de fevereiro de 1859. Espírito culto e ativo, tratou de melhorar as condições do Hospital da Misericórdia, com auxílio aos esforços do Capitão Luís da Gama Rosa, seu Provedor. Cuidou igualmente dos templos históricos arruinados e empreendeu viagem ao interior da Província, para colher, diretamente, impressões da situação das vilas e dos povoados, até o Rio Doce. Escreveu minucioso relatório dessa proveitosa excursão, durante a qual, tanto se interessou pelos problemas administrativos quanto pelos recursos naturais de beleza e riqueza a serem aproveitados e conservados.

A notícia, porém, de que S. S. M. M. visitariam o Espírito Santo afastou de todos, — Govêrno e povo, — cogitações de interêsse doméstico: a Cidade da Vitória deveria aparelhar-se para receber condignamente os hóspedes incomparáveis.

Atualmente, o rádio transmite logo qualquer novidade; o avião, em poucas horas, leva aos pontos longínquos documentos oficiais de maior importância e urgência. Mas... , naquele tempo?!... Tudo seria previsto, com antecedência de meses, porque, sòmente com os vapores costeiros, — o vaporzinho “Mucuri”, por exemplo, — chegavam os jornais da Còrte e a correspondência oficial, os figurinos, as encomendas, etc. E essas viagens dependiam da lua e das marés.

Dentro dessa norma, portanto, a 17 de setembro de 1859, o “Correio da Vitória” divulgava que o “Mucuri” trouxera

“a boa nova de que S. M. o Imperador havia deliberado visitar as Províncias do Norte do Império, até a Paraíba, acompanhado de S. M. a Imperatriz, tocando no Espírito Santo, na volta para o Rio de Janeiro”.

Certamente, o Governo Provincial recebera, antes, a comunicação, pois, no dia 13, a Câmara firmava um Edital sobre os preparativos da recepção dos Imperiais Visitantes, que saíam do Rio de Janeiro, a 1.º de outubro, no “Apa”, com destino à Cidade do Salvador. De fato, aí chegaram, no dia 6, após excelente viagem.

De acôrdo com o referido Edital, o povo deveria manifestar

“todo o seu regozijo, por tão faustoso motivo, iluminando as frentes de suas casas, por três dias sucessivos”.

Outrossim, Manuel Gonçalves da Vitória, fiscal da Freguesia da Cidade, noutro Edital,

“convidava os habitantes para que melhorassem as calçadas de seus prédios e estradas, caiassem os mesmos, reconstruissem e levantassem muros, em terrenos aberto”. (Correio da Vitória, 21-9-1859).

Movimentavam-se todos.

Receberam, por isso, os Officiaes do Estado-Maior da Guarda Nacional

“ordem para uniformizar-se, em grande uniforme, até o dia 15 de novembro”.

Nomeou-se uma Comissão, para receber S. S. M. M.:

Barão de Itapemirim,  
Cel. João Nepomuceno Gomes Bittencourt,  
Antônio Rodrigues da Cunha,  
Com. Reginaldo Gomes dos Santos.  
(Correio da Vitória, 22-10-1859).

Outras Comissões foram nomeadas, para São Mateus e Barra do Itapemirim.

A imprensa divulgou um apêlo aos fazendeiros e lavradores, para que

“franqueassem ao Augusto Monarca uma estrada para as colônias de Santa Isabel e Santa Leopoldina”.

Logo o fogueteiro Guilhermino Antônio Pereira, estabelecido em São João da Barra, annunciou suas habilidades

“para fazer foguetes, com três e quatro respostas, com dois e três arrancos, com vistas de côres as mais belas possiveis, salvas, fogos de armação, ornados com elementos mistos, foguetões, com bombas de salvas, etc.”.

Tudo para receber S. S. M. M.

Reformou-se o Cais das Colunas, fronteiro ao Palácio Provincial, onde saltariam S. S. M. M. Construiu-se uma ponte, para o desembarque; ergueram-se dois palanques, à direita e à esquerda, junto ao referido Cais. Calçou-se a Praça do Cais.

Em atenção ao seu elevado destino, o Cais de Desembarque, ou das Colunas, recebeu o nome de “Cais do Imperador”, conservado até princípios dêste século, quando se transformou em “Cais Marechal Hermes”. Atualmente, com o atêrro do Pôrto, é uma praça, — “Praça Roosevelt”.

Inapreciáveis eram os ensaios da Banda de Música do Prof. Baltazar Antônio dos Reis, devidamente aparelhada.

Tudo, portanto, foi providenciado, para a recepção de S. S. M. M. que, a 26 de janeiro de 1860, às oito e meia horas, chegaram a Vitória e trouxeram aos capixabas dias de brilhantíssimas festas: — parada da Tropa de Linha, **Te Deum**, na Capela Nacional, visita à Penha, excursão pela Cidade, etc.

Conduzidos, sob o pátio seguro pelos vereadores, o Imperador dirigiu-se ao palanque da direita; a Imperatriz foi para o da esquerda, com as suas damas de honra e senhoras da sociedade capixaba.

Após o ósculo do Crucifixo, caminharam todos, — os Augustos Visitantes, as autoridades e o povo, para a Capela Nacional, onde assistiram a um **Te Deum**. Orou o Pe. Mestre Francisco Antunes de Sequeira. Seguiu-se o beija-mão, no Paço, o edifício histórico, antigo cenóbio dos jesuítas, preparado condignamente, para a excepcional hospedagem. Das suas sacadas antigas e bonitas, S. S. M. M. assistiram ao grande desfile, — a parada da Guarda Nacional.

A ladeira, que partia do Cais e terminava no Paço, desde então, foi chamada “Ladeira do Imperador”, hoje imponente escadaria que nos recorda o govêrno do Dr. Jerônimo de Sousa Monteiro, que a reformou.

\*

No dia seguinte, S. M. o Imperador visitou diversos pontos da Capital e suas instituições de caridade e cultura. Não faltou uma excursão à Penha, realizada, no dia 28. Foi a recepção, ali, feita pelo Guardião Frei João Nepomuceno Valadares. S. M. anotou, no “Diário”, os **Sete Passos da Ladeira** e a capela do Bom Jesus, além de outras observações relativas ao imponente monumento histórico-religioso.

De tudo, nas excursões e visitas, S. M. procurava informar-se, para o registro, no seu “Diário”, com valiosos gráficos, traçados nítidos e firmes, numa demonstração dos conhecimentos artísticos do Augusto Autor.

A Visita Imperial estendeu-se aos principais lugares da Província: Santa Leopoldina, dia 28, à tarde; chegou, a 29. Depois, Santa Isabel e Viana. A 1.º de fevereiro, S. M. e illustre comitiva seguiram para a Serra; continuaram, para Nova Almeida, Santa Cruz, Linhares...

Prezado leitor, que me acompanha, neste modesto relato, calculemos o sacrifício de uma viagem, naquele tempo, a cavalo, em estradas primitivas, com a roupa engomada, e hospedagem, em residências desprovidas de água canalizada e instalações higiênicas! Iluminadas, a candieiros e lampiões!...

Hoje, o avião, o taxi aéreo e o automóvel, em poucas horas, resolvem o problema do transporte. A eletricidade e a canalização da água proporcionam o melhor confôrto, nas residências, ao passo que a evolução da moda favorece a indumentária.

S. M. o Imperador, entretanto, visitou todos os núcleos do povoamento daquele tempo, conforme enunciamos acima, e prosseguiremos adiante. De Vitória, seguiu, a 1.º de fevereiro, para a Serra; daí, para Nova Almeida, onde pernitoitou. No dia 2, assistiu à Santa Missa, às 4,30 horas, na famosa igreja dos Reis Magos. Foi celebrante o Remo. Pe. Manuel Antônio de Sousa Ribeiro.

Estendeu-se a Imperial Viagem a Santa Cruz e Linhares, onde S. M. visitou a famosa Lagoa Juparanã e almoçou na Ilha cujo recanto pitoresco, a lage denominada, desde então, “Mesa do Imperador” é apontada sempre aos turistas, que ali realizam pique-niques. A ilha é igualmente conhecida como a “Ilha do Imperador”.

Para o Sul, já de regresso à Côrte, S. S. M. M. seguiram no “Apa”. Chegaram ao Itapemirim, a 7 de fevereiro, tendo escalado em Guaraparí e Benevente. Do Itapemirim, o Imperador foi, a cavalo, à Colônia do Rio Nôvo, sob a direção do seu fundador, o Major Caetano Dias da Silva.

Desde a Capital da Província, a esquadilha imperial foi acompanhada pelo vapor “Elisabeth”, que, embandeirado em arco, aguardava-a, na barra. Levava S. A. o Arquidque F. Maximiliano José de Habsburgo, que partira da Côrte, no dia 5.

Em Guarapari, o Príncipe Maximiliano encontrou-se com S. M. o Imperador e veio a bordo do “Apa”, cumprimentar a Imperatriz.

\*

Não faltaram fatos interessantes, durante a Visita Imperial ao Espírito Santo: índios apresentaram-se; palestraram com S. M. o Sr. D. Pedro II, que lhes anotou o vocabulário. Histórias fabulosas foram relatadas a S. M., além de outras passagens como, por exemplo, a de Sebastiana Lopes, residente num casebre, nas imediações do Morro da Preguiça, vizinho à Ponte da Passagem. Ouvira novas da Augusta Visita. Calculou que, certamente, S. M., na excursão ao Norte da Província, deveria por ali transitar. Era o caminho obrigatório, porque único. Permaneceu atenta, em observação, até que percebeu, um dia, extraordinário movimento, na estrada, e, em confirmação da sua idéia, verificou a presença de S. M. o Imperador, que se aproximava, a cavalo, com numerosa comitiva. Pulsou, então, forte no patriotismo, o coração daquela brasileira pobre, mas, sincera e, num entusiasmo incontido, Sebastiana desceu ao terreiro, transpôs a cancela do seu terreno e, já na estrada, com voz forte e os braços erguidos, bradou:

**Viva S. M. o Imperador!**

Surprêso, perplexo, Dom Pedro II freiou a montaria. A comitiva deteve-se, enquanto Sebastiana, firme, conserva os olhos fitos em S. M. que parecia admirar, ali, uma estátua do patriotismo!

Saudou-a.

Os sitiantes, que se aproximaram, e a comitiva imperial prorrompem em delirantes aplausos!

Discretamente, após indagar dos seus predicados e de suas posses, Dom Pedro II deu-lhe, “como lembrança”, generosa oferta.

\*

Durante muitos dias, meses até, a Visita Imperial constituiu assunto obrigatório, nas conversas das reuniões, nas calçadas, para o fresco das tardes, nos bancos das farmácias, nos mutirões das rendeiras, nos salões, etc.

Foram dias inesquecíveis, para o Espírito Santo e o seu povo.

\*

O Sr. Levi Rocha, espírito-santense devotado à História do Espírito Santo, publicou um livro, **Viagem de Pedro II ao Espírito Santo**, no qual descreve tôdas as minúcias dessa passagem gloriosa, dos dias provinciais, festas, discursos, excursões, dádivas de S. M. o Sr. Dom Pedro II, etc. E os registros do precioso "Diário". É uma excelente contribuição para a História da Terra Capixaba.

**MARIA STELLA DE NOVAES**

do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo